

NOTA INTRODUTÓRIA

Roberto Carneiro

Queremos, enfim, afirmar que nunca perdemos a vontade de manter a língua portuguesa, tanto oral como ortograficamente, apesar das várias dificuldades e limitações impostas na redução física dos falantes de língua portuguesa. Sempre com o espírito de que a mesma será a nossa língua oficial, logramos conseguir aquilo que para muitos foi um sonho. Com muita razão dizemos: Valeu a pena lutar!

Taur Matan Ruak, A importância da língua portuguesa na resistência contra a ocupação indonésia, Lisboa: Camões: Revista de Letras e Culturas Lusófonas, Julho-Setembro 2001, nº 14, p. 41.

A República Democrática de Timor-Leste (RDTL), *Timor Lorosa'e*, oficialmente *Repúblika Demokrátika Timór-Leste*, tornou-se o primeiro novo Estado soberano do século XXI, oficialmente declarado em 20 de maio de 2002, sendo assim proclamado o 191º membro de pleno direito da ONU.

Os navegadores portugueses aportaram a Lifau, há 500 anos, em demanda do sândalo, madeira aromática comum no Sudeste Asiático, que além da sua aptidão para a arte escultórica produz preciosos óleos voláteis para a perfumaria. Desde então assistimos a uma história de encontros – entrecortados por alguns desencontros – de povos que, embora situados nos antípodas geográficos, viram os seus destinos unidos ao longo de cinco centúrias.

Os portugueses acompanharam com emoção a saga do povo timorense que, entre finais de 1975 e 1999, sofreu uma traumatizante ocupação pelo seu poderoso vizinho, a Indonésia, que perdurou por

24 anos de intenso martírio dos timorenses. Foi precisamente na segunda daquelas datas que o povo de Timor-Leste declarou a sua preferência inequívoca pela independência, em referendo histórico de autodeterminação que decorreu sob a égide das Nações Unidas.

E, a verdade é que, no cumprimento do seu dever histórico, Portugal tem procurado marcar presença no esforço titânico de recuperação da independência de uma nação timorense, esmagada entre dois colossos-vizinhos, e de apoio às suas estratégias de desenvolvimento, durante os dois quartéis de transição entre milénios, em que se registaram as mais profundas mudanças ao nível planetário.

Quem, como nós, teve a felicidade de trabalhar em, ou simplesmente de conhecer, Timor-Leste, não pode seguramente deixar de se sentir emocionado pela candura do sorriso das timorenses, pela ingenuidade alegre das crianças, pela suavidade aveludada do ambiente natural, pela amenidade das águas, ainda que circunstancialmente feitas torrencial pluviosidade. A realidade timorense cativa o incauto viajante que se vê facilmente enleado no destino timorense e partícipe arrebatado das suas mais nobres causas. Será talvez, e também, a transposição para a atualidade do velho confronto bíblico em que David vence Golias, uma exemplar história que em nós fortalece a certeza de que nem sempre a força bruta, ou a pura desproporção de meios, levará de vencida o vizinho muito mais pequeno ou aparentemente mais destituído.

É um facto comumente reconhecido que a RDTL deve a sua independência à surpreendente resiliência de dois fatores intangíveis, que se inscrevem na esfera do espiritual e dos valores de ordem cultural: por um lado a Língua Portuguesa, por outro o Catolicismo. Tomados esses dois fatores, conjugadamente, diríamos que *em Timor Lorosa'e se reza em português*.

Na realidade, apesar de ser hoje falada correntemente por pouco mais de 5% do milhão e cem mil timorenses, o idioma luso é ainda venerado pela população mais idosa, com mais de 45 anos, e é identificada pela população jovem como a língua de ponte para o mundo, para as oportunidades, e para as relações internacionais. Por seu turno, a religião é um nítido fator distintivo em relação a uma Indonésia que é tão só o maior país muçulmano e uma potência regional temível, dominando a Melanésia que constitui o enquadramento natural e o habitat geográfico que envolve Timor Lorosa'e.

Em resumo, a identidade cultural timorense, que é fortemente tributária de uma partilha histórica com os Portugueses e com a Língua Portuguesa, e a intensa fidelidade a uma catolicidade telúrica, que é imanente ao povo timorense e representa inequivocamente um seu traço dominante, são os dois fatores diferenciadores de Timor-Leste, em relação a ambos os mega-vizinhos, Indonésia e Austrália; vizinhança essa, que a nova nação tem de manter sob equidistância, crítica e estratégica, com ela cooperando ativamente e sem temor, para não fazer perigar a ainda frágil independência política de que a comunidade *maubere* goza, no concerto das nações.

Ora, é em homenagem (i) à heroica teimosia em afirmar a respetiva autonomia, (ii) à herança espiritual aprofundada deste povo, e (iii) ao encontro de culturas, numa misteriosa fusão Ocidente-Oriente, ocorrida durante 500 anos, que este número da Revista *Povos e Culturas* é cerzido. Mas esta obra é, acima de tudo, uma arquitetura de afetos, tecidos em rede e em extensão, ao longo de 600 páginas de narrativas, todas elas marcadas pela vontade manifesta de manter unidos os destinos de duas nações que não concebem a distância como óbice nem a diferença étnica como obstáculo ao entendimento.

Num primeiro capítulo, **Histórias de encontros de dois povos**, alinham-se cinco artigos que fornecem o necessário enquadramento estratégico a toda a obra. Jorge Sampaio concede-nos a honra de nos fornecer um testemunho escrito de inestimável valor enquanto **protagonista** – embora se furte a essa qualificação – privilegiado do processo que conduziu à independência da RDTL, como Presidente da República Portuguesa na década 1996-2006; do seu texto acutilante extraímos um breve trecho que nos dá o sentido do artigo: “(...) *percorrer, embora de forma muito sumária, diversas fases na evolução jurídico-conceptual do território e, ao mesmo tempo, relacioná-la com os factos ocorridos no terreno, as batalhas travadas, por um leque tão vasto de atores e, antes de mais, pelo povo timorense*” (p. 25). Enquanto Rui Machete traça os fundamentos de uma cooperação alargada, ativa e operante entre os dois Estados, Portugal e RDTL, Luís Amado parte da memória pessoal para nos oferecer o retrato vivo da gesta de um povo que não desiste de ser fautor da sua história, edificando um Estado soberano que preside agora pela primeira vez aos destinos da comunidade lusófona reunida na CPLP, e Adriano Moreira, no seu inconfundível estilo, alinha um pensamento estratégico que

parte da evocação de intervenções pessoais designadamente no alerta da consciência mundial, e das Nações Unidas, para o brutal genocídio que vinha sendo perpetrado durante, e pela, ocupação indonésia, em nome da anexação de “Timor Timur”, a sua 27^a província. A encerrar este capítulo de abertura, Manuel Lobato fala-nos das influências exógenas na cultura timorense e do modo como se foram estabelecendo cruzamentos entre timorenses, portugueses e holandeses.

Segue-se o capítulo sobre **O Catolicismo e o Animismo – Hibridismos no Extremo Oriente**, no qual é feita uma descrição do papel da Igreja Católica desde os primórdios da missão até aos nossos dias, passando pelas grandes dificuldades das perseguições japonesa e indonésia. A abrir, D. Ximenes Belo faz-nos uma descrição pormenorizada da presença da Igreja Católica em Timor. Segue-se uma análise dos cinco séculos da presença cristã em Timor-Leste feita por Luís Filipe Thomaz que inicia o seu artigo com uma interessante viagem pela pré-história de Timor. A terminar este capítulo, Rui Loureiro traz-nos as notícias de Timor nas fontes portuguesas dos séculos XVI e XVII onde nos oferece uma visão assaz colorida do que foi sendo escrito sobre Timor naqueles séculos, dos negócios, da missão, e das relações com os portugueses e holandeses.

O terceiro capítulo debruça-se sobre as **Línguas e Culturas na Textura da Nação Timorense**. O multilinguismo de Timor-Leste contribuiu durante séculos para as lutas entre reinos. Portugal, enquanto colonizador, impôs a Língua Portuguesa como elo unificante. Os timorenses elegeram o Tetum como sua língua-mãe. Estas duas línguas tiveram um papel primordial na união dos timorenses que os levaram a lutar pela sua independência, contra todas as adversidades. Lúcia Vidal Soares refere-se, com profundidade científica, aos plurilinguismos de Timor-Leste, enquanto Joana Ruas se debruça sobre Lifau, berço da nacionalidade leste timorense. Adelino Gomes descreve, numa notável reconstituição histórica, o jornal *Neon Metin*, periódico clandestino, escrito em Língua Portuguesa, que teve um importantíssimo papel na luta do povo timorense pela liberdade.

O capítulo IV tem como tema **O berço da democracia e da formação de uma nação**. Os cinco artigos que formam este capítulo descrevem as atribulações por que Timor-Leste passou até se tornar uma nação independente. Reúnem-se neste capítulo relatos factuais e documentados dos problemas que levaram à anexação de Timor-

-Leste à Indonésia e aos anos de perseguições, assassinatos e destruição. Os autores enaltecem o papel dos timorenses e portugueses na luta pela democracia e libertação de Timor-Leste. Fernando Augusto Figueiredo refere-se aos problemas da descolonização que levaram às lutas fratricidas em Timor-Leste que dividiram e debilitaram a nação timorense, tornando-a uma presa apetecível aos apetites do poderoso vizinho indonésio, referindo ainda o importante papel de Portugal junto da ONU. Enquanto Carlos Gaspar fala da criação dos vários partidos políticos e da sua luta até ao referendo de 30 de Agosto de 1999 sob a égide das Nações Unidas, primeiro ato democrático em Timor-Leste, Rui Marques chama a atenção para a capacidade estratégica dos timorenses e dos seus aliados espalhados pelo mundo em manter a atenção e o apoio da opinião pública, quebrando o silêncio imposto pela Indonésia. António Barbedo de Magalhães descreve os anos críticos de 1960 a 1999, desde as pressões sobre Portugal para descolonizar, até ao acordo entre Portugal e a Indonésia sob os auspícios da ONU em 5 de Maio de 1999 para uma consulta referendária ao povo de Timor-Leste. Vitor Melicias fornece-nos, como remate a este "doloroso" capítulo, um testemunho vivo e pictórico, enquanto Alto-Comissário para o Apoio à Transição em Timor-Leste, dos primeiros tempos pós-independência.

O capítulo V debruça-se sobre **Os imperativos de uma cooperação pragmática e orientada para resultados**. Os autores deste capítulo refletem sobre a importância do desenvolvimento de uma cooperação bem focada em aspetos objetivos de modo a que se obtenham resultados concretos. Falam da cooperação portuguesa e do desenvolvimento que a mesma tem proporcionado em vários setores da vida "civil" de Timor-Leste. Vítor Costa debruça-se sobre o problema da proteção social. Donaciano Gomes explica a importância do mar para Timor-Leste e descreve o Projeto Mar. Teresa Coelho fala da luta contra a pobreza e explica detidamente, e com um evidente conhecimento de causa, o que tem vindo a ser feito. Augusto Manuel Correia dedica o seu texto ao desenvolvimento rural e aponta soluções para que o mesmo possa ser efetivado. A economia timorense, os seus problemas e desafios, é retratada por Rui Gomes. A finalizar este capítulo, Alexandre Rosa discorre sobre a relevante implementação, como sustentáculo da frágil economia timorense, da formação técnico-profissional em Timor-Leste, com o apoio português.

O desafio inadiável das pessoas: educação e formação dos timorenses constitui o capítulo VI. Neste apartado aborda-se a importância da Educação para o integral e sustentável desenvolvimento da nação *maubere*: pessoal, económica, social e cultural. É ainda dada informação sobre as diligências feitas até ao momento no desenvolvimento do Ensino Superior e do Ensino Técnico-profissional. Bendito de Freitas abre este capítulo com uma visão ampla e estratégica, a um tempo, retrospectiva e prospetiva, do desenvolvimento da Educação em Timor-Leste enquanto Domingos de Sousa aprofunda a grande angular da cooperação socio-política. Manuel Tavares Emídio oferece uma descrição dos caminhos da educação num Timor-Leste independente, enquanto o papel das instituições universitárias portuguesas no progresso do Ensino Superior em Timor-Leste é analisado por Virgílio Meira Soares.

A revista termina, *last but not least*, com um capítulo VII que versa sobre **A segurança nacional e a cooperação militar – Prioridades**. Nada como abrir a apresentação desta derradeira seção do nosso livro citando o artigo de Roque Rodrigues: “*Os portugueses, dotados de poucos recursos mas com uma impressionante visão estratégica sobre o mundo, chegaram ao Oriente no final do século XV(...)*” (p. 567) movidos por fortes interesses comerciais e, sobretudo, sob estandarte da fé católica que tomavam a peito difundir e expandir. A Língua Portuguesa e a religião católica “*(...) lançaram os fundamentos da identidade singular timorense – pela qual valia a pena resistir e lutar.*” (p. 570) e “*(...) tornaram-se poderosas “armas” da resistência timorense à ocupação indonésia*” (p. 573). Com efeito, “*(...) a língua oficialmente utilizada pela Resistência era o português, falado e escrito em qualquer tipo de comunicação, desde o topo até à base.*” (citação de Taur Matan Ruak, p. 574). O artigo estrutura-se num relato impressionante da gesta de um povo, entalado entre guerras e grandes potências militares, encerrando com oportunas considerações estratégicas sobre o papel nevrálgico da cooperação técnico-militar Portugal-Timor, não se eximindo o ilustre autor a discorrer sobre as seis prioridades de renovadas formas de cooperação entre portugueses e timorenses, num tempo marcado pela globalização. Filomeno da Paixão de Jesus traça um retrato importante do papel das FALINTIL durante os anos heroicos da resistência à ocupação indonésia, da sua integração na vida civil e democrática, acabando por referir-se em pro-

fundidade a temas da cooperação militar luso-timorense. Por último, o nosso volume encerra com um apetitoso artigo em que José Assunção Gonçalves faz uma narrativa viva da sua experiência de cooperação técnico-militar na área da saúde, realçando as notáveis complicações entre cooperantes e autoridades locais, a qual abriu caminho a novos desafios numa área de crucial importância para o bem-estar das populações e para o bom nome da cooperação técnico-militar entre os dois países.

Muitos foram os autores, portugueses e timorenses, que generosamente aceitaram colaborar connosco neste número de *Povos e Culturas*, comemorativo da chegada dos Portugueses às Ilhas de Timor e Solor. Fizemo-lo em homenagem ao povo timorense que ao longo dos séculos soube, pelo seu esforço e abnegação, superar as dificuldades, construir a sua identidade e até erguer bem alto o nome de Portugal. Mas também tivemos presente os portugueses que de Timor fizeram a sua terra, que a abraçaram em momentos da sua vida ou que a têm presente no seu quotidiano.

A todos dirigimos o nosso sincero agradecimento acompanhado do voto de que esta publicação possa de algum modo contribuir para um cada vez maior estreitamento de relações entre timorenses e portugueses e para um melhor conhecimento da jovem nação irmã.